



O quadro *Outro Olhar* enquanto uma possibilidade educacional na linguagem telejornalística de uma emissora pública¹

Diego Rezende²

Iluska Coutinho³

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

O presente estudo tem o intuito de apreender a elaboração do espaço dado ao quadro *Outro Olhar* no telejornal noturno *Repórter Brasil*, da emissora pública TV Brasil, elucidado pelo diálogo entre a educação e as vicissitudes da linguagem telejornalística. Para isso, observaremos a construção discursiva e as condições contextuais de apresentação do quadro durante os meses de março e abril de 2011.

Palavras-chave: telejornalismo; educação; linguagem; *Outro Olhar*; TV Brasil.

Quando tratamos, no título do artigo, de uma “possibilidade” no campo da educação, é necessário compreendermos a abrangência dialética da utilização do termo. Ao observarmos o quadro *Outro Olhar*, trazemos à tona uma perspectiva em construção, em busca de sua própria condição como possibilidade e potencialidade transformadora.

Ou seja, o que buscamos aqui é problematizar as circunstâncias e o espaço dado ao quadro no discurso e na elaboração da linguagem do telejornal noturno *Repórter Brasil*, da emissora pública TV Brasil.

Em sua Carta de Princípios, a emissora – criada em 2007, pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC) – se compromete com a realização de um “novo modelo de telejornalismo”: plural, independente e democrático. Partem do pressuposto de que, sendo financiadas por interesses econômicos e políticos, os canais privados e estatais não possuem autonomia para o desenvolvimento do seu conteúdo. Dessa forma, o discurso da emissora pública se baseia na ideia da cidadania como ponto de referência para a produção do seu telejornalismo.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro do Grupo de Pesquisa em Telejornalismo sob orientação da Professora Iluska Coutinho. Bolsista do projeto “Telejornalismo e Fotografia: Novos Olhares”. Email: diegoprezende@yahoo.com.br

³ Jornalista, doutora em Comunicação (Umesp), com estágio doutoral na Columbia University. Professora do departamento de Jornalismo e do PPGCOM da UFJF, desenvolve pesquisa sobre Telejornalismo e Público, com financiamento do CNPq. Email: iluskac@uol.com.br



A TV Brasil possui três telejornais em sua programação: Jornal Visual e Repórter Brasil (Manhã e Noite). Nossa análise se debruçará na edição noturna do Repórter Brasil, na qual o quadro *Outro Olhar* é apresentado. Para fins de estudo, concentraremos nossa observação nos meses de março e abril de 2011.

Dialogando com a inserção e a elaboração do quadro no telejornal citado, analisaremos, concomitantemente, o espaço concedido aos falantes, para que possamos compreender de forma mais ampla o modo como o discurso do telejornal é construído e o papel contextual que o quadro *Outro Olhar* exerce nesse discurso.

Outro Olhar

Apresentado apenas no Repórter Brasil (Noite), o quadro não possui um espaço diário e não há um padrão para sua entrada na estrutura do telejornal. Ou seja, pode aparecer tanto no primeiro bloco junto com matérias de política e economia, como no último juntamente com cultura e cotidiano.

Como afirma Valéria Maria Araújo (2011), o quadro é o espaço de maior experimentação dentro do telejornal, seja na linguagem do telejornalismo, no uso de recursos tecnológicos ou na construção estética.

Composto por vídeos – de no máximo dois minutos de duração – postados no *site* da TV Brasil, o quadro possui âmbitos diversos, variando de questões cotidianas a considerações políticas internacionais.

“O Outro Olhar é o espaço da sociedade no telejornal Repórter Brasil. Se você produz conteúdo informativo, como reportagens, entrevistas ou imagens que mostram sua realidade, faça contato com nossa produção e envie seu vídeo. Mostre as histórias da sua redondeza, os assuntos que mexem com a sua vida. Participe da TV Brasil com a sua visão dos fatos sobre os mais variados temas (TV Brasil, 2007)”.

Essa idéia de colaboração que almeja “descentralizar a emissão, oportunizando que mais vozes tenham vez no espaço público” (Fonseca e Lindemann, 2007), fundamenta-se no jornalismo participativo – ou jornalismo cidadão.

Nesse sentido, o nome “participativo” parte do pressuposto de que alguém que não participava (esse fato abrange o jornalismo de maneira geral) passa a participar, no qual se refere a um conteúdo independente produzido por cidadãos sem formação jornalística em colaboração com jornalistas profissionais. Tal conteúdo pode ser uma



manifestação de insatisfação com as mídias tradicionais ou ainda uma expressão da vontade do cidadão de se ver como notícia.

Educomunicação e linguagem televisiva

As singularidades da linguagem televisiva são postas em discussão com a flexibilidade promissora e a praticidade reveladora da reinvenção contínua de mídias que tem surgido e que vem formando seu próprio espaço. O que propomos aqui é o diálogo do telejornalismo com essas “novas mídias” por meio do quadro *Outro Olhar*.

A construção de tal abordagem é descrita por Omar Rincón (2011) ao se referir ao ritual dos diferentes meios de comunicação. Segundo ele, o cinema é como “ir a missa”, a televisão como “rezar um rosário” e o celular uma “celebração do eu”. Quanto à linguagem, o autor discerne a tevê da Internet, enquanto a primeira possui uma linguagem de conversação, a segunda traz à tona a contextualidade.

No entanto, quando há inserção de uma mídia em outra, a intermitência que limita a compreensão de ambas as linguagens se torna cada vez mais fluida. Assim, tanto a emancipação de novos meios de se comunicar, como a inclusão desses meios na televisão, fazem com que a maneira de se fazer tevê seja repensado e reinventado.

Ao comparar a mídia televisiva com o vídeo – que possui variados papéis mesmo entre as demais mídias –, Rincón (2011) afirma que o ator da tevê seria um artesão enquanto o do vídeo seria um experimentador; enquanto a produção da televisão seria rápida e a imagem (de preferência) em primeiro plano, a do vídeo seria, respectivamente, pessoal e móvel.

Desse modo, o diálogo discursivo e a introdução do vídeo independente no telejornalismo – como é o caso do *Outro Olhar* – torna a linguagem televisiva mais experimental, dinâmica e múltipla. Segundo Rincón (2011), “*la noticia es que hay que experimentar otros modelos de narración periodística y otros análisis de la información; que hay que perder la supuesta objetividad (que es siempre un engaño) y ganar la diversidad de subjetividades y de los puntos de vista*”.

A busca de uma comunicação horizontal, na qual os emissores e receptores estão em um mesmo patamar simbólico de construção de conhecimento, é a essência motivadora da educomunicação – método de leitura crítica dos meios, proposta por Mário Kaplún (1998).

Para a emancipação de uma comunicação crítica, Kaplún (1998) descreve que não basta que os setores populares tenham acesso aos meios de comunicação para que a



participação se torne uma realidade, é preciso que estes se tornem protagonistas do processo e não somente espectadores.

Como diria Paulo Freire (1973), é preciso que haja a co-participação dos sujeitos no ato de pensar, promovendo assim a construção mútua do discurso. Por meio do diálogo entre múltiplos sujeitos históricos, identidades, *sensibilidades* e entre as especificidades das diversas mídias, pode-se desenvolver de forma coletiva “*medios que se hacen para romper con la homogeneidad temática y política de la máquina mediática*” (Rincón, 2011).

Sob essa perspectiva, Araújo (2011) descreve a potencialidade do espaço ocupado pelo *Outro Olhar* como “um primeiro indicativo de que as linguagens experimentadas pelas produções da população podem dar origem a novas formas de fazer jornalismo na TV Brasil”. Segundo ela, o Repórter Brasil constrói o seu modo de endereçamento e estilo convocando um público que quer se ver na tevê, mas que está ainda acostumado aos modos tradicionais de fazer jornalismo no país.

Diversidade de vozes presentes no Repórter Brasil

Com a finalidade de se apreender a elaboração discursiva do Repórter Brasil, analisamos as vozes presentes no telejornal em uma “semana composta” de seis dias aleatórios – englobando todos os dias da semana, exceto domingo – durante os meses de março e abril.

Consideramos em nossa observação os seguintes aspectos: o número de entrevistas; o tempo das entrevistas; o questionamento ou fala do repórter; o conteúdo e a expressão da fala do entrevistado; o papel do entrevistado na construção da reportagem (se “protagonista”, “coadjuvante” ou apenas um dado “estatístico” – quando o espaço de fala é meramente quantitativo com respostas rápidas e objetivas); a identificação do entrevistado (grupo social que o entrevistado representa) e a proporcionalidade e diversidade/pluralidade de fontes (visando a distribuição democrática de cada reportagem e do discurso do telejornal como um todo).

Com duração de uma hora, o telejornal noturno é apresentado de três cidades distintas: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Atrelando reportagens de “filiais” do norte, do nordeste e do sul do país, como a Ulbra TV (RS), a TV Aldeia (AC), Aperiapé TV (SE) e a Amazon Sat (AM) – além da Rede Minas (MG) –, o telejornal tem assim uma maior abrangência do espaço social e discursivo. Parece pretender atuar em diálogo com o sotaque e os vocábulos regionalizados dos repórteres, produzindo assim uma



“linguagem local” – comparado ao Jornal Nacional, por exemplo, que possui um sistema no qual um mesmo repórter cobre uma ampla rede de localidades – que contribui para a emancipação do conceito de representação que propomos aqui.

Entretanto, as notícias produzidas fora do âmbito sudeste e do Distrito Federal são de editoria cultural e cotidiana, a apresentação da esfera política (não restrita ao seu aspecto eleitoral, ou seja, ligada a representantes políticos), por exemplo, é centralizada em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Para uma consideração da totalidade do caráter discursivo do Repórter Brasil, as editorias foram divididas entre: cultura/comportamento; economia; cotidiano; política; internacional; justiça; segurança; esporte e saúde. Os grupos de fontes foram classificados seguindo as determinadas categorias: iniciativa privada; órgãos públicos; judiciário; organizações sociais; show-business e/ou atletas; internacionais; governo; autoridades políticas; populares e experts.

Se não há uma apresentação nítida e contextual do entrevistado não há modo de se ter identificação, assim, observando a estrutura do telejornal, percebemos a importância da “legenda” (que identifica o “falante” pela profissão, partido, localidade etc.) para a representação. A edição e a produção de um aspecto técnico, muitas vezes, distorcem a construção imagética. Devido a constante aparição de legendas que são colocadas e tiradas num espaço de tempo não plausível para a leitura, de erros de português na escrita e de trocas de identificação referentes aos entrevistados, esse aspecto se torna no telejornal um obstáculo ao processo de apresentação e de representação.

Outra questão relevante ocorre quando o repórter usa a fonte com o intuito de afirmar, dando credibilidade, a um determinado argumento. Tal comportamento tácito, podendo ser produzido de forma até mesmo ingênua (ou seja, sem a consciência do ato de fazê-lo), vai de encontro à preocupação que ronda a manipulação ideológica da matéria.

Pode-se perceber no telejornal um maior número de entrevistas com fontes populares. Entretanto, a constatação desse fato não significa que esse grupo de fontes esteja mais representado. Pois, além da condição quantitativa, é necessário haver uma procedência do conteúdo da fala. Ou seja, usar fontes populares para meramente “ilustrar” a ideia que permeia o “senso comum” é uma forma de manipular a representação popular.

Pois, o ato de dizer, por si mesmo, é singular e autônomo. Nesse sentido, apresentar muitas vozes se distingue de representar uma pluralidade sincrética de discursos. Os experts, por exemplo, possuem um maior tempo e uma maior expressividade do conteúdo de suas falas, contribuindo para o embasamento do discurso e para a construção de um tom didático no telejornal analisado.

Como descreve Araújo (2011), “na tentativa de construir uma suposta imparcialidade, o Repórter Brasil recorre quase sempre às fontes institucionais ou especializadas”. Desse modo, a fala dos populares fica restrita a espaços bem demarcados dentro do noticiário, como no “Repórter Brasil Pergunta”, presente no final de cada bloco, no qual se ouve pessoas de diversas localidades do país a partir de uma questão central discutida em uma das matérias do telejornal.

Na “semana composta” analisada, dois acontecimentos influenciaram na expressão de algumas fontes em matérias específicas. Pois, são exceções quando postas em comparação com a totalidade discursiva do telejornal.

Devido à “tragédia de Realengo”, no Rio de Janeiro, ocorrida no dia sete de abril, a edição noturna do Repórter Brasil do dia seguinte desenvolveu sua narrativa embasada em uma densa dramaticidade, salientando o que Iluska Coutinho (2003) descreve como “dramaturgia do telejornalismo”. Ou seja, na estruturação narrativa das matérias referentes ao acontecimento é expressiva a polarização entre “mocinho” e “bandido”, “herói” e “vilão”, “culpado” e “vítima”, etc.

No entanto, o que se torna exceção nas matérias citadas não é a construção teledramatúrgica da notícia, mas sim uma narrativa que se aproxima de maneira intensa do tom catártico da tragédia grega. Pois, como podemos notar nos demais dias observados, há uma busca do telejornal pela notícia institucionalizada e ausente de “expressão dramática” – seja pela elaboração textual e gestual dos repórteres e fontes, seja pela preparação das matérias.

Podemos notar essa questão também na edição do dia 30 de março, quando o telejornal se dedicou a fazer uma homenagem ao ex-vice-presidente José Alencar, devido ao seu falecimento no dia anterior.

Nesse sentido, as chamadas “fontes oficiais” (governo, autoridades políticas e órgãos públicos) que, de fato, são vozes significativas no discurso do telejornal enquanto “versões oficiais e institucionais” sobre determinado assunto, são mostradas especificamente nessas matérias com um discurso de homenagem ao ex-vice-presidente com uma abordagem pessoal e intimista.



Possibilidade de um outro olhar

No período analisado – durante os meses de março e abril, completando 53 edições ao todo – o quadro *Outro Olhar* apareceu 13 vezes ao decorrer do telejornal noturno da TV Brasil.

No dia primeiro de março, o quadro apresentou uma manifestação pública, em Recife (PE), durante a Semana Internacional da Mulher, o vídeo foi produzido pelo Fórum de Mulheres de Pernambuco.

No dia três e quatro, os vídeos mostrados foram sobre blocos carnavalescos. Respectivamente, sobre um bloco formado por pacientes de um centro de saúde mental – produzido pela TV Universitária de Ouro Preto (MG) – e sobre o Jambu da Caveira, tradicional bloco paraense – produzido pelo Centro de Comunicação e Educação Popular de Belém (PA).

Já no dia dez, uma moradora de Alegre (ES), que gravou o momento que uma casa desabou por causa da chuva na região, foi o tema do quadro.

Premiado na Festa da Literatura Internacional de Porto de Galinhas (PE), o vídeo, apresentado no dia 14 foi sobre o Dia Nacional da Poesia, mostra uma performance poética feita e produzida por Silvino Ferreira.

Uma semana depois, no dia 21 de março, a gravação oferecida foi sobre um festival que aconteceu em Manaus (AM), uma parceria entre vários coletivos no norte do país, bandas e artistas se reuniram para discutir políticas públicas na área cultural. O vídeo foi produzido pelo circuito Fora do Eixo, responsável pela organização do evento.

No dia seguinte, a escassez de água na cidade de Queimadas, no interior da Bahia, onde a população depende de um caminhão-pipa, foi o tema do quadro *Outro Olhar* – produzido pelo Instituto Diamante Verde.

No dia 28, um vídeo produzido pelo Coletivo Catarse, trouxe à tona um caso de racismo no Rio Grande do Sul, no qual um estudante de História saiu da Bahia para estudar em Jaguarão, cidade próxima à fronteira com o Uruguai – apresentando o relato do estudante.

Enviado pela Rede Vencer, o tema do quadro no dia 14 de abril foi a inclusão por meio da arte para portadores de necessidades especiais em Pernambuco, apresentado uma oficina de música para surdos e um desfile de moda para quem usa cadeira de rodas.



No dia 18, foi apresentado um vídeo com ex-funcionários da fábrica Nuclomom, em São Paulo (SP), sobre a exposição frequente à radiação, produzido por Joelma do Couto.

Com apoio da TV Escola e produção da ONG Vídeo nas Aldeias, o tema do dia seguinte foi o debate entre indígenas de várias etnias sobre como é ser índio hoje no Brasil.

Produzido pelo Coletivo Sete Sete, o vídeo apresentado no quadro no dia 26 de abril foi sobre um jogo de futebol na periferia organizado pela Central Única de Favelas, a Cufa, em Barbacena (MG), que reuniu os vizinhos de uma comunidade para recuperar um espaço público e transformar o lugar em área de lazer.

O último quadro do mês de abril, apresentado no dia 28, fala sobre o ensino à distância, em Natal (RN), contando a estória de quem não tem condições de ir até a escola. O vídeo foi produzido e enviado pela professora Elizete Arantes.

Portanto, podemos observar a presença de oito vídeos nas edições do mês de março e cinco no mês de abril. Para efeito de comparação, no mês de janeiro foram mostrados seis vídeos, em fevereiro foram mostrados quatro e no mês de maio e de junho foram apresentados, em cada, oito vídeos. Não há, dessa forma, um padrão quanto ao número de vídeos oferecidos por mês, ou por semana, ou referente a um dia específico da semana.

Tendo em vista o tempo do telejornal – cada edição tem uma hora de duração –, os vídeos, com duração de um a dois minutos cada, preenchem um tempo mínimo quando pensamos que foram mostrados em menos de 30% das edições que foram ao ar.

Contudo, a análise do “tempo de duração” no meio televisivo tem que estar intrínseca ao conteúdo construído nesse tempo – como descrevemos, anteriormente, na observação referente às fontes populares e experts. Ou seja, apesar de fazer parte de um tempo mínimo do telejornal, a influência em seu conteúdo é significativa pelo fato de mostrar um contraposto argumentativo às linhas gerais que embasam o discurso do telejornal. Tendo, portanto, influência também no próprio discurso mesmo com tão pouco espaço de expressão.

Por exemplo, as organizações sociais compreendem menos de 1% dos falantes presentes nos dias analisados, entretanto, quando observamos o quadro *Outro Olhar* podemos perceber que há um destaque para vídeos produzidos por coletivos e ONGs – entende-se por organizações sociais as associações, sindicatos e movimentos populares,



a “sociedade civil organizada”, segundo o conceito gramsciano, que pode desempenhar tanto um papel progressista, como conservador, perante as estruturas vigentes.

Nas matérias da editoria política no período analisado, observou-se que o tom institucional traz consigo uma abordagem personalista – centrada na figura da presidente Dilma Rousseff e de autoridades públicas –, o que traz uma limitação do debate político para um viés eleitoral.

Em outras palavras, as nuances da amplitude que engloba a perspectiva política contemporânea, como políticas alternativas, culturais e sociais possuem espaço restrito nas matérias do telejornal. Contrapondo-se a esse fato, o quadro *Outro Olhar* propõe uma maior abrangência da discussão política, como, por exemplo, nos vídeos do Fórum de Mulheres de Pernambuco, do festival em Manaus, da inclusão pela arte e do “futebol social”.

A gravação de uma moradora do Espírito Santo e o depoimento de ex-funcionários da fábrica Nuclémom trazem à tona a proposta do quadro de abordar o olhar cotidiano sobre os problemas locais. Entretanto, no caso da Nuclémom e também no vídeo em torno da investigação do caso de racismo no Rio Grande do Sul, faltou se ouvir os acusados, o outro lado da estória contada no vídeo – mesmo por meio de nota após o término do quadro.

Considerações finais

A construção estética do *Outro Olhar* é um outro contraposto relacionado às matérias presentes no telejornal. Muitas vezes, essa construção se dá por meio de um estilo cinematográfico, como é o caso do vídeo sobre a escassez de água no interior da Bahia. A gravação “preta e branca”, junto à música e a fala dos moradores, através de enquadramentos mais flexíveis, revelam um aspecto documental que se contrasta à busca por uma estética de pouca expressiva de cores e elaborações artísticas no cenário e nas matérias produzidas pelo telejornal.

Outro aspecto relevante que observamos é a divisão regional presente no quadro ao decorrer dos dois meses analisados. Exceto a região centro-oeste, as demais regiões brasileiras foram contempladas, dando ênfase na região norte e nordeste com oito apresentações das 13 que foram ao ar.

Esse aspecto é representativo ao considerarmos a relação entre o quadro e o discurso do telejornal. Quando tratamos de um contraposto entre os mesmos, partimos



do fato de que o quadro se apresenta enquanto um “outro olhar” sobre o próprio telejornal.

Ou seja, enquanto a maioria das matérias do telejornal são produzidas no âmbito sudeste e Brasília, o quadro foca as regiões norte e nordeste. Essa contraposição, como citamos anteriormente, dá-se também quanto às fontes populares e “sociedade civil” – que possuem um espaço mínimo de fala (tendo em vista a análise de tempo e conteúdo) nas matérias do telejornal.

Nesse sentido, a influência do quadro no discurso do telejornal ocorre por meio desse “choque”, dessa contraposição de conteúdos. Em outras palavras, apesar de possuir um espaço mínimo considerando a totalidade narrativa do telejornal, o quadro faz a diferença por meio da potencialidade transformadora (ou seja, de mudança estrutural) do seu discurso.

Sendo assim, mesmo preenchendo um espaço “à deriva” no discurso do telejornal noturno Repórter Brasil, o quadro *Outro Olhar* contribui para a pluralidade de vozes (expressão de diferentes pontos de vista) e para a diversidade estética do mesmo.

Partindo desse pressuposto, propomos a ampliação do espaço dado atualmente ao quadro no telejornal. Pois, além de dialogar com as tecnologias digitais que estão cada vez mais presentes no cotidiano jornalístico, desconstrói e reinventa a busca pela “objetividade”, como descrito por Rincón (2011), sugerindo a multiplicidade de subjetividades.

A “possibilidade” que apreendemos na construção desse artigo está exatamente nesse espaço autoral, independente e experimental que dialoga com as vicissitudes das novas narrativas presentes na linguagem telejornalística. Podemos considerar, portanto, o quadro *Outro Olhar* como um ponto de partida para o debate sobre a inserção educacional no discurso do telejornalismo da TV Brasil.

Desse modo, torna-se necessária a reescrita constante sobre a elaboração desse debate, não só no âmbito acadêmico mas, de forma análoga, por intermédio de associações, sindicatos, movimentos populares, órgãos públicos e privados, etc. Ou seja, por meio de todas as nuances que compreendem a diversidade social e cultural do nosso país.



Referências bibliográficas

ARAÚJO, Valéria Maria. **Telejornalismo na TV pública brasileira**. Uma análise do Repórter Brasil. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.): *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo*. Salvador, EDUFBA, 2001. p. 197-221.

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnlalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia na TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial. 1997.

COHEN, Akiba A. **Answers without questions**: comparative analysis of television news interviews. *European Journal of Communication*. London: SAGE. Vol.4 (1989).

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro**: a estrutura narrativa das notícias em TV. Tese de doutorado (Umesp). São Bernardo do Campo, SP, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

FONSECA, Virgínia. LINDEMANN, Cristiane. **Webjornalismo participativo**, repensando algumas questões técnicas e teóricas. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 34, p. 86-94, dez. 2007.

GOMES, Itania Maria Mota. **Telejornalismo de qualidade** – pressupostos teórico-metodológicos para análise. *Anais do XV Congresso da Compôs*. Bauru, UNESP, 2006.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HABERMAS, Jünger. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogia de la Comunicación**. Madrid (Espanha): Ediciones de la Torre, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: moderna, 1988.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Televisão pública, televisão cultural**: entre a renovação e a invenção. In: RINCÓN, Omar (Org.): *Televisão pública: do consumidor ao cidadão*. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2002. p. 41-79.

PERUZZO, Cíclia M.K. **Comunicação nos movimentos populares - a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.



_____. **Vozes cidadãos: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina.** São Paulo, Angellara, 2004.

RINCÓN, Omar. **Nuevas narrativas televisivas:** relajar, entretener, contar, cidadanizar, experimentar. Artigo publicado na Revista Científica de Educomunicación. Bogotá, 2011.

_____. **Televisión, vídeo y subjetividad.** Buenos Aires, Norma, 2002.

TV Brasil. Disponível em [http: www.tvbrasil.org.br](http://www.tvbrasil.org.br). Acesso: 28 de setembro de 2010.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público** - uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.